

ANTÓNIO PATRÍCIO

(Porto, 07/03/1878 – Macau, 04/06/1930)

António Pires Patrício estuda matemática no Porto, frequenta a seguir a Escola Naval de Lisboa e, regressado à cidade natal, obtém a Licenciatura em Medicina em 1908. Dedicar-se, porém, à vida diplomática. Em 1911 é nomeado cônsul de Cantão. Permanece dois anos na China e daqui é transferido para Manaus. Em 1914 prossegue com destino a Bremen e, no fim da guerra, é-lhe atribuída a sede de Atenas. A seguir, desempenha as funções em Constantinopla, onde lhe chega a notícia da nomeação como Ministro plenipotenciário. Passa ainda por Caracas e Londres, antes de regressar a Portugal. Em 1930, já doente, é nomeado ministro em Pequim, onde não conseguirá chegar, porque morre em Macau, onde estava de passagem, para encontrar o governador.

Assumindo-se politicamente como um republicano convicto, António Patrício é um intelectual com uma visão aristocrática do saber e da existência, em consonância com o gosto decadente da época, caracterizado por um certo snobismo requintado, pelo aparente desprezo pelo trivial, pela predileção por certas atmosferas crepusculares, pela aspiração nietzschiana a uma espiritualidade feita de «tensão dionisiaca» que ultrapassa o Deus cristão, numa espécie de «misticismo panteísta» (Rodrigues 1976: 802).

As viagens deixam marcas na sua actividade literária, na qual ganhou fama graças à poesia (*Oceano*, 1905; *Poesias*, livro póstumo, 1942), à narrativa (*Serão Inquieto*, 1910) e ao teatro. Neste último género distingue-se pela sua contribuição para o património teatral simbolista português, «de cuja estética reteve a essência, ainda que por vezes a linguagem sacrifique ao gosto decadente da época», mas ansiando por um teatro poético: «embora sejam evidentes as aproximações com os grandes nomes dos simbolistas – a concepção do ‘drama estático’ de Maeterlinck, o preciosismo verbal de D’Annunzio, a carga poética de Yeats – há no teatro de Patrício uma ressonância humana a que a presença, latente ou manifesta, mas sempre obsidiante, da morte confere uma verdadeira dimensão trágica» (Rebello 1984: 108).

As cinco peças publicadas são todas permeadas pelo sentido da dissolução e pela presença da morte.

O Fim (1909), drama histórico em dois quadros que alude ao regicídio e prevê a queda da monarquia, foi vista como uma peça antecipadora do teatro do absurdo, mas de um «Absurdo aberto para a História», com a narração da «tragédia de uma raça que se suicida» e onde se joga «o destino do Homem. Aqui a Rainha-Avó, louca, é também a Pátria que morre de fome, sonhando com banquetes de grandeza e fascínio, mastigando os restos de um passado mitificado (...) Poema de um extremo pessimismo onde por breves instantes paira a sombra de Shakespeare reencarnada por Beckett (...) Sessenta anos antes de Ionesco, António Patrício proclama que o rei está morto» (Porto 1973: 216-217). Ignorada durante décadas, esta peça foi redescoberta em tempos recentes, sendo apresentada em estreia absoluta numa encenação de Jorge Listopad (Casa da Comédia, 1971) e desfrutando desde então de um êxito surpreendente, vindo a integrar com regularidade o repertório de companhias amadoras e profissionais.

Pedro o Cru (1913, editada em 1918), definida pelo próprio autor como «tragédia da saudade», da nostalgia pelo amor perdido devido à morte da amada, é representativa da transição, ou constitui antes «um elo de ligação entre o decadentismo simbolista (...) e o saudosismo de Pascoaes, simbiose, digamos, de que virá a nascer o paulismo de *Orpheu*, ou seja a primeira fase da literatura modernista» (Simões 1985: 256). Nesta versão da famosa história mitificada, a morte de Inês propiciará em Pedro o desejo de elevação e transcendência do perecível. O protagonista, «ultrapassando a própria condição humana, intenta penetrar na eternidade, no mundo do homem divinizado, sempre em busca de uma existência plena, na comunhão absoluta com o ser amado. A consciência de que a realidade não é algo de objectivo e inalterável, mas antes construída, em grande parte, pela vivência que dela temos, faz com que Pedro consiga criar novos princípios, pela determinação de novos valores» (Vasconcelos 2005: 660). A peça foi transmitida pela RTP em 1974 e estreada pelo Teatro Nacional D. Maria II em 1982.

Com *Dinis e Isabel* (1919) o dramaturgo quis transpor em cinco actos a tragédia «de um homem que amou uma santa». O subtítulo shakespeariano – «conto de primavera» – evidencia as suas intenções líricas, que atingem o auge no último acto como uma «tragédia estática», porque toda a acção se esgotara já no acto anterior. Um excerto do 1º acto foi apresentado pela primeira vez em 1931 no Teatro Nacional Almeida Garrett (hoje Teatro Nacional D. Maria II), em ocasião da estreia mundial de *Um sonho (mas talvez não)* de Luigi Pirandello, que estava em Lisboa como convidado de honra do V Congresso da Confederação Internacional da Crítica Dramática e Musical. Uma nova montagem dever-se-á ao Teatro da Politécnica (Teatro da Trindade, 1992).

Quanto à «fábula trágica» em três actos *D. João e a máscara* (1924, estreada por amadores em 1980 e pelos profissionais do Teatro da Politécnica em 1989), tem como epígrafe uma frase de Shakespeare, «*Nothing can we call our own but death. / Bem nossa, só a morte*», e é uma versão do mito de Dom Juan que ignora a parte anedótica para mostrar um «religioso instintivo», um «místico amoral» que em todas as mulheres amadas afinal amou a máscara de uma só mulher: a morte. Esta interpretação fascinará também Natália Correia para a releitura efectuada em *D. João e Julieta* (1957).

Por fim, o acto único *Judas* (1924) foi estrado pelo Grupo de Teatro Moderno da Faculdade de Letras (Teatro do Ginásio, 1946), para mais tarde ficar integrado no espectáculo *Cenas da vida de Benilde*, a partir de *Benilde ou a Virgem Mãe* de José Régio, pelo Grupo Teatro Hoje (Teatro da Graça, 1990).

Para além de ter colaborado com as revistas *Águia*, *Límia* e *Atlântida*, o autor deixou vários textos inacabados: *O Rei de sempre* (1914, redigido em Bremen), «tragédia nossa» com temática sebastianista, em cinco actos; *A paixão de mestre Afonso Domingues* (1929, redigido na Nazaré; representado no Teatro Nacional D. Maria II, 1985), drama histórico em três actos incompletos, baseado no romance *A abóbada*, de Alexandre Herculano; *Auto dos reis ou da estrela* (Setembro 1929, fragmentos); *Teodora*, «um sonho de Bizâncio», de que restam breves anotações acerca da estrutura e esboços de algumas cenas; *Diálogo na Alhambra*, fragmento editado pela primeira nas páginas do periódico *A labareda* (Porto, 1914) e reeditado quase um século mais tarde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARATA, José (1991). *História do Teatro Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CORRÊA, Manuel Tânger (1959a). «António Patrício (Poeta trágico). Introdução. 1) Poesia» in *Ocidente*, vol. LVII, n.º 259, Novembro, pp. 261-279.
- ___ (1959b). «António Patrício (Poeta trágico). 2) Contos» in *Ocidente*, vol. LVII, n.º 260, Dezembro, pp. 316-325.
- ___ (1960a). «António Patrício (Poeta trágico). 3) Teatro» in *Ocidente*, vol. LVIII, n.º 261, Jan., pp. 4-18.
- ___ (1960b). «António Patrício (Poeta trágico). II Alguns inéditos de Patrício. 1) Poesia, 2) Teatro» in *Ocidente*, vol. LVIII, n.º 262, Fevereiro, pp. 65-80.
- ___ (1960c). «António Patrício (Poeta trágico). II Alguns inéditos de Patrício. 3) Teatro» in *Ocidente*, vol. LVIII, n.º 264, Abril, pp. 181-196.
- ___ (1960d). «António Patrício (Poeta trágico). II Alguns inéditos de Patrício. 2) Teatro» in *Ocidente*, vol. LVIII, n.º 266, Junho, pp. 293-308.
- ___ (1960e). «António Patrício (Poeta trágico). III A estética de Patrício. IV Tábua bibliográfica» in *Ocidente*, vol. LIX, n.º 268, Agosto, pp. 93-99.
- CRUZ, Duarte Ivo (1965). *Introdução ao Teatro Português do Séc. XX*. Lisboa: Espiral.
- PATRÍCIO, António (1982). *Teatro completo*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ___ (2007). *O fim / Diálogo na Alhambra*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PICCHIO, Luciana Stegagno (1969). *História do teatro português*, trad. Manuel de Lucena sobre a 1.ª ed. italiana [Roma: Edizioni dell'Ateneo. 1964], corrigida e aumentada pela Autora, Lisboa, Portugália Editora.
- PORTO, Carlos (1973). *Em busca do teatro perdido*. 2 Vols. Lisboa: Plátano Editora. Vol. I.
- REBELLO, Luiz Francisco (1959). *Teatro português do romantismo aos nossos dias: Cento e vinte anos de literatura teatral portuguesa*, vol. I. Lisboa: Edição do Autor.
- ___ (1984). *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora.
- RODRIGUES, Urbano Tavares (1976). «António Patrício» in Jacinto do Prado Coelho (dir.), *Dicionário de literatura portuguesa, brasileira e galega*. 5 Vols. Porto: Figueirinhas. Vol. II.
- ___ (1996). «António Patrício» in Álvaro Manuel Machado (dir.). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença.
- ROSA, Armando Nascimento (2003). *As máscaras nigromantes. Uma leitura do teatro escrito de António Patrício*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- SERÔDIO, Maria Helena (2004). «Dramaturgia» in Fernando J. B. Martinho (coord). *Literatura portuguesa do séc. XX*. Lisboa: Instituto Camões. Coleção Cadernos Camões, pp. 95-141.
- SIMÕES, João Gaspar (1985). *Crítica VI. O teatro contemporâneo (1942-1982)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Coleção Temas Portugueses.
- VASCONCELOS, Ana Isabel (2005). «A propósito de Patrício» in Dulce Carvalho / Dionísio Vila Maior e Rui de Azevedo Teixeira (eds.). *Des(a)fiando discursos: Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 659-665. Consultado em <<http://hdl.handle.net/10400.2/401>> (data de acesso: 20 de Novembro de 2017).

Este texto é a versão revista, em português e em dia, da ficha bio-bibliográfica de António Patrício editada in: Sebastiana Fadda (a cura di), *Teatro portoghese del XX secolo*, Roma, Bulzoni Editore, 2001, que inclui a tradução integral da peça *La fine*. Tb. substitui a 1.ª versão portuguesa editada em linha in: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/teatro-em-portugal-pessoas/antonio-patricio-dp12.html#.WhQNusODPNM>>.

Sebastiana Fadda